

O CORVO, O POMBO E A GARÇA

Sábado pela manhã resolvi fazer uma caminhada pelas praias de Santos, entre o canal 1 e o Emissário. Ando prá lá, ando prá cá, até ficar cansado. Parei numa barraca, tomei uma água de coco e continuei a caminhada, prá lá e prá cá. Certo momento, perto do Emissário deparei com uma cena inusitada. Fiquei olhando o espetáculo: Havia um despacho de macumba (palmas, arruda, guiné, botões de flores coloridas, galinha assada, pinga - incha pé, farofa de milho, velas vermelhas, maria-mole e até pirulito), onde estavam juntos o Corvo, o Pombo e a Garça. O corvo grosnava, o pombo arrulhava e a garça gazinava. Todos ao mesmo tempo querendo desfrutar do banquete. O corvo puxava com o bico partes da galinha assada, o pombo, com mais alguns que chegaram depois arrulhando e comendo a farofa, até chegar alguns pardais pipilando e dividindo a farofa com os pombos e com mais alguns que queriam fazer parte da comilança. A garça, com suas pernas longas, não fez cara de que gostava do comensal, andava pela água tentando pegar alguns peixinhos, sem resultado ela adentrava na água, sem medo, de olhos fixos, parecia que estava fazendo pose para fotografia, até aparecer um alevino, um caramujo um carangueijinho ou mesmo um corrupto para sua alimentação. Eu só observava o cantarolar dos animais: O corvo grosnava, os pombos arrulhavam, os pardais pipiliravam e a garça gazinava. O corvo estava fazendo a festa com a galinha assada e recheada, até que apareceu boiando na água uma fralda, que pelo jeito estava recheada do “número dois”. O corvo voou para apanhar a fralda, e, na mais alta alegria devorou a fralda ingerindo até o velcro. Eu continuava a observar a “farra”. De repente, apareceu um caminhão de lixo com os garis da limpeza, paramentados para a ocasião (capacetes, botas de borracha, luvas) e munidos de seus utensílios, tais como: vassourões, pás, rastelos, sacos plásticos e acabaram com a festança dos animais; até parecia que eles queriam aproveitar da “margosa”, que já estava destapada e perdendo lentamente aquele líquido “saboroso”. Tudo isso durou algumas horas, mas, como eu estava mesmo era “matando tempo” achei que aquele visual daria uma boa crônica; continuei minha caminhada à procura de novos espetáculos.

José Rosa Coelho - Monte mor SP